

Pascale Casanova. *A língua mundial – tradução e dominação*. Florianópolis: Editora da UFSC: Brasília: Editora UnB, 2021, 142 pp. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres

Elyse Brum Marques (UFSC)¹
Lucie Josephe de Lannoy (UnB)²

A língua mundial – tradução e dominação (2021) de autoria da pesquisadora, crítica literária e socióloga francesa Pascale Casanova (1959-2018) é apresentada ao público brasileiro, via tradução inédita realizada por Marie-Hélène Catherine Torres, fruto de uma parceria entre a editora da UFSC e editora da UnB; tanto autora quanto tradutora são autoridades nos estudos interdisciplinares que têm como foco a circulação de obras literárias, via tradução entre culturas e línguas diferentes. Na edição aqui analisada, considerando-se a proposta de analisar a maneira como uma tradução se apresenta em um dado sistema cultural enquanto tal (Lambert, 2011, p. 97-212), podemos destacar que o projeto gráfico da capa contempla tanto autora quanto tradutora, que demonstra o espaço de reconhecimento dado a ambas as formas de escrita e criação; o título da obra aparece de forma central, acompanhado logo acima do nome da autora, e seguido abaixo do nome da tradutora, além de constar na parte inferior as editoras envolvidas no processo editorial.

Marie-Hélène Torres é professora da Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, além de crítica e tradutora, e em sua trajetória tem desenvolvido importantes diálogos com as concepções de Casanova. Em *Traduzir o Brasil literário – história e crítica* (2014), por exemplo, Torres apresenta um panorama historiográfico da tradução de obras literárias brasileiras na França, e uma das suas referências é justamente a obra *A República Mundial das Letras* (2002), de Casanova, especialmente no momento de situar a literatura brasileira em relação a outras literaturas e como determinadas traduções de obras brasileiras operaram em outros sistemas literários.

Se em *A República Mundial das Letras* Casanova estava preocupada em descrever como as literaturas circulam entre países, em *A língua mundial – tradução e dominação*, a autora discorre acerca da dominação linguística, e por meio de quais fatores esta é imposta. Procura assim desmistificar antigas crenças solidificadas no senso comum

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC).

² Professora Dra. do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB).

segundo as quais o domínio provém apenas em decorrência da potencialidade econômica, e aponta que este é apenas mais um entre outros diversos fatores de imposição, tese que procura demonstrar ao longo da obra. De um modo geral, a obra retoma questões já presentes em *A República Mundial das Letras*, para, sob nova abordagem, sintetizar o panorama de dominação linguística, sua historiografia e especificidades, antigas e contemporâneas. Além disso, mostra como a tradução é um meio de domínio do espaço cultural, uma vez que, “quanto mais a tradução está presente, menos importante é a dominação; inversamente, quanto menos presente está a tradução, maior é a dominação” (Casanova, 2021, p.24).

A obra se inicia com uma *Nota da tradutora* Marie-Hélène Torres, que, além de apresentar a autora e a obra em questão, acrescenta como procedeu no que tange à tradução propriamente dita; a tradutora destaca que “para evitar a confusão de quem traduziu o quê, confusão muito comum em tradução, usamos, quando a tradução é da autora, Pascale Casanova: “tradução em francês da autora”, e, quando não especificado, a tradução é nossa” (p.14), ademais, salienta que manteve os itálicos grafados no original, com o propósito de demonstrar o “tom do texto” (p.15) . Já sobre a autora, Torres escreve:

Pascale Casanova foi orientanda de Pierre Bourdieu e ficou conhecida com a publicação de sua tese de doutorado, *La République mondiale des lettres* (1999), traduzida no Brasil por Marina Appenzeller sob o título *A república mundial das letras* (Estação Liberdade, 2002). Casanova já mostrava, na época, que o universo literário mundial se organizava em estruturas desiguais, conforme as relações de rivalidade e dominação de cada sistema. Nesta nova obra, *A língua mundial*, dedica-se a um dos aspectos determinantes da dominação: a língua. (TORRES, 2021)

De imediato, portanto, observamos que a tradutora ocupa o lugar de proceder à transmissão ou passagem de uma língua à outra, como também destaca-se por seu empenho em situar a obra traduzida ao público leitor de língua portuguesa e em apresentar a sua concepção de tradução e o *modus operandi* com o qual desenvolveu o processo tradutório. Apresenta e discute também temas caros à Casanova, de modo que a nota cumpre o papel de ser um importante paratexto para melhor compreender a obra. Esta subdivide-se em cinco capítulos, precedidos por uma introdução, que Casanova denomina de *exordium*. Esse termo, cunhado em latim, corresponde na retórica clássica à primeira parte ao princípio de um discurso, de maneira que, seguindo uma lógica interna, a autora finaliza a obra com o *exitus*, termo também proveniente do latim, e relativo à

consequência, conclusão. No *exordium*, os pontos norteadores da obra são apresentados e explorados: a língua mundial, o bilinguismo, a tradução e a dominação linguística.

Desde o princípio a autora demonstra que tais pontos encontram-se entrelaçados em aspectos relativos ao prestígio e a um grande sistema de hierarquização linguística. Ademais, é posto que variados são os fatores que determinam que uma língua receba o qualitativo de *dominante*, confrontando-se assim o senso comum de que os fatores econômicos e militares são os limitadores para a dominação, quando na verdade são mais um dentre outros favoráveis ao domínio. A autora salienta a questão de que quando mais tradução há em um país, menor é a dominação cultural, o que já foi referenciado aqui será, entretanto, amplamente explorado ao longo dos capítulos. E, uma vez que a tradução substitui a possível falta de um bilinguismo geral, observamos, por outro lado, que, quanto menor é o volume de traduções, maior a dominação, equações estas que permitem medir o grau de dominação e o valor dado à tradução.

Parte-se assim para o capítulo 1, intitulado *O bilinguismo latim-francês*; que aborda a relação entre as línguas, mais especificamente, entre o latim e o francês, os aspectos historiográficos do início da ascensão do francês e da decadência do latim, além de postular o bilinguismo como um dos indícios mais fortes de dependência linguística. O ponto chave do capítulo é compreender o lugar que as ditas línguas ocupavam no início do século IX; o latim era possuidor de beleza, nobreza e lógica, a língua da alta literatura, da escrita codificada, do ensino, que no momento era destinado às camadas mais altas da sociedade, e, por conseguinte, a língua adotada pelos nobres, pelo clérigo, enquanto que o francês, o vernáculo, utilizado pela população de um modo geral, era a língua popular, aprendida no colo da mãe, a língua materna. O latim era posto socialmente como a língua dominante na Europa, pois, conforme a autora cita, uma língua é considerada dominante por meio de uma convenção social; o apreço e respeito pelos Antigos se justifica, assim, o latim era língua da qual o francês se alimentava e tentava buscar inspiração para enriquecimento do vocabulário por meio de inovações lexicais e traduções.

O capítulo 2, *Quando o francês tinha que ser defendido*, versa sobre o início, na primeira metade do século XVI, da progressão do francês como língua dominante, os processos envolvidos nessa transição, bem como sobre o posicionamento e a importância da tradução para a língua francesa naquele momento. Importante salientar que naquela época o conceito de tradução era diferente de como é concebido hoje, ao menos no dito no ocidente; a saber, o conceito e objetivo da tradução não era o de transpor uma língua à outra para que o conhecimento presente no texto se tornasse acessível a determinado

grupo linguístico, mas sim construir uma *imitação* das estruturas dos textos latinos, de modo a enriquecer não só o vocabulário, como também as estruturas linguísticas. *Imitar* de uma maneira que os textos parecessem próprios do francês, recriar situações, interferindo no texto através de comentários e paráfrases era o intuito primordial, de modo que o francês pudesse se equiparar ao latim, tornando-se também uma língua de caráter literário, traçando assim o rumo à posição de dominante.

Como o título do capítulo 3 anuncia, *A tradução como conquista*, a autora cita inicialmente o caso da Inglaterra da segunda metade do século XVI e início do século XVII, período no qual a tradução era de suma importância naquele país, assim como na França, de modo que para uma língua entrar na competição literária mundial, era necessário a nacionalização de textos considerados clássicos. O projeto tradutório, tanto da Inglaterra como da França, consistia na apropriação dos textos clássicos de origem latina e grega; o texto clássico era visto como algo detentor de um valor inestimável, uma vez que foi escrito em uma época vista como possuidora de autoridade e nobreza inatas. Traduzir o clássico transcendia as linhas do texto, era um ato de conquista; conquistar o clássico consistia em apreender o valor que nele continha, e transpassá-lo para outra língua, de modo que a qualidade de uma boa tradução era medida não pelo quesito de manter-se o mais próximo possível da estrutura e dos elementos do texto de partida, mas sim, por conseguir o prestígio, o valor que tais clássicos possuíam. A conquista enriquecia a língua da nação, tornava-a detentora de uma identidade própria, aumentava o capital nacional, com o prestígio transplantado e devidamente apossado; de maneira que o processo tradutório de conquista se valia de meios que embelezassem o texto de partida à sua maneira.

O meio de apropriação adotado pela Inglaterra e pela França no momento na realização de traduções difere totalmente da concepção tradutória adotada na Alemanha no século XIX, que foi explorada por Antoine Berman (1942-1991) em *A prova do Estrangeiro* (2002), quando demonstrou que os tradutores alemães prezavam por uma maior atenção ao texto fonte, oposto à maneira francesa, de tornar o texto o mais francês possível. De modo que, dispostos a entrarem na competição literária mundial, os alemães se engajaram em um projeto tradutório que consistia em traduzir “protegendo” autor e obra, considerando ao máximo o texto de partida, prezando pelo estrangeiro, anexando à cultura algo que não é local, realizando assim um acúmulo de traduções, primordialmente de textos clássicos, provenientes em grande parte do latim e do grego; meio que Casanova denomina de tradução-acumulação, comum em países com a língua dominada.

Embora houvesse a proposta de tradução estrangeirizante dos alemães, o método francês não só se estabeleceu, como também foi o responsável por ascender o francês à posição de língua mundialmente dominante; *As Belas Infiéis*, como é denominado o capítulo seguinte, o 4, abarca aspectos pertinentes ao modo consciente de infidelidade francesa, demonstrando que o enriquecimento por meio do latim foi efetivo. A francização do latim na língua francesa não só a enriqueceu, como também a emancipou do latim; os textos clássicos não eram mais traduzidos com o intuito de enriquecer a língua, mas sim com o intuito de igualar definitivamente o francês à língua latina. O processo tradutório consistia em uma apropriação profunda do texto, chegando ao ponto de se enquadrar como uma tradução livre, realizada por meio de supressões, modificações e acréscimos, um processo deliberado de adaptação do texto de partida ao modo francês; daí o termo “belas infiéis”, que em última instância significaria a beleza da expressão da língua francesa gerada por meio da infidelidade, por meio da francização de tudo que é estrangeiro.

Muitos questionamentos surgiram ao modo francês de traduzir, e ao seu domínio linguístico; seguindo a premissa de um estudo relacional entre as línguas, Casanova apresenta *Leopardi e o francês* no capítulo 5, uma vez que Leopardi (1798-1837), poeta italiano do século XIX, esboça reflexões acerca do italiano e do francês, ressaltando por quais meios o domínio francês deveria ser enfrentado; realizando, desta maneira, uma das maiores críticas ao caráter etnocêntrico das traduções francesas. Para enfrentar o domínio francês, a modernidade seria um possível caminho, de acordo com Leopardi, pois para ele seria fundamental modernizar a língua com novos textos, trazendo, por exemplo, novas ideias, costumes e opiniões e consequentemente novas palavras, com o devido cuidado para que a inserção desses elementos não culminasse na marginalização do idioma; haja vista que uma língua dominada corre o risco de se tornar uma língua morta, do passado, caso se alimente de textos antigos, já longes do centro. Sendo assim, em concordância com Leopardi, Casanova postula que “quanto mais “moderna” uma língua é, mais “à frente” ela está na competição (o que é verdadeiro para o inglês)” (p. 123).

Por fim, *A retomada das Belas Infiéis*, ou *Exitus*, como já citado, remete às considerações finais da obra. Tal capítulo apresenta e reflete acerca da língua mundial atual: o inglês, que, ao contrário do que muitos pensavam, se apoderou do lugar do francês no âmbito de domínio. Não se trata apenas de economia, ou mera comunicação, mas sim de uma modernidade linguística, atrelado à importância de observar a posição que a tradução ocupa no universo linguístico e literário nas culturas anglo-americanas. Sendo

assim, por que a retomada das *belas infiéis*? Os meios de apropriação continuam, mas operam de outra maneira: através da invisibilidade do(a) tradutor(a). A obra é posta como se fosse escrita na própria língua, acrescidos dos dados que demonstram o pouco investimento editorial em tradução, o que, de certa forma, reforça a marginalidade da tradução nas ditas culturas. Para Casanova, há pouco investimento na importação de obras estrangeiras em determinados sistemas literários, mas, em contrapartida, há uma exportação muito grande de textos provenientes de tais línguas, a ponto de dominar mercados editoriais exteriores, de modo que, “não existe, portanto, tradução sem língua dominante e nenhuma língua dominante que não seja designada como língua da tradução por excelência.” (p.134)

Como foi dito, a apresentação da obra de Casanova para o público leitor brasileiro foi realizada com a presença de paratextos, que desempenham uma função importante no sistema importador da obra. Dessa forma, a versão em português inicia com uma Nota da Tradutora que vai desde a página 11 até a página 15, o que demonstra um cuidado de Torres para com o(a) leitor(a) de língua portuguesa. E, pela forma elucidativa com a qual a tradutora introduz o livro, deduzimos que a tradução se dirige, também, a um público brasileiro acadêmico, considerando também o fato da obra ser publicada por duas editoras universitárias, como foi dito. Ademais, na citada nota, Torres oferece, entre outros esclarecimentos, informações sobre como está construída a obra. Para citarmos um exemplo, Torres explica como, conforme a retórica clássica, se constrói um discurso. Segundo o tratado latino de autor desconhecido do século I a.C., que escreveu a *Retórica a Herênio*, devem aparecer nele, a Invenção, a Disposição, a Elocução, a Memória e a Ação (p. 12). Dessa forma, a tradutora relaciona as partes da obra de Casanova às de um discurso organizado segundo as regras da arte retórica, inaugurando um diálogo tanto com a obra como com o público leitor. Este se vê favorecido com uma maior inteligibilidade do texto e a obra ganha a tônica da relevância que tem para o sistema literário brasileiro.

Outrossim, o(a) leitor(a), uma vez orientado(a) sobre a estrutura do texto e das camadas subjacentes à escrita, poderá fazer uma experiência de leitura proveitosa, até mesmo, que corresponda (e, em boa medida, confirme), o tema do livro, o da dominação linguística, pois traduzir a obra de Casanova implica, tanto para a tradutora como para quem a lê, o confronto com a relação de forças entre as línguas, no caso, o francês do texto de partida e o português da tradução. Afinal, como nos lembra Edward Sapir (*apud* Bassnett, 2003, pág., 35), “a língua é um guia para a realidade social”. Nesse sentido, a

obra aborda a formação e a trajetória de línguas europeias em direção à ocupação da primazia no contexto do Ocidente, passando a expor relações sociais impregnadas por jogos de poder que ao longo da história disputam, na realidade das línguas, um lugar de presença enquanto língua mundial. Foi assim com o latim, o francês e o inglês.

Para traduzir uma obra desse porte, observa-se uma negociação com a língua em constante movimento: há trechos ora em latim, ora em francês arcaico, ora em francês moderno e há a necessidade do uso de um registro adequado a fórmulas tanto tradicionais quanto modernas. A tradutora, à procura de equilíbrio, sabe quando inovar e quando deixar como está na obra original. Entretanto, podemos afirmar que a tradução mantém-se bastante próxima ao estrangeiro em vários aspectos. A formatação da tradução acompanha a estrutura dos parágrafos no texto de partida, a não ser quando aparecem citações que ocupam mais do que três linhas, o que se justifica pela normativa da ABNT utilizada no Brasil. No texto em francês, elas figuram dentro do corpo do texto. Quanto às referências e notas, no texto em francês elas aparecem ao final de cada capítulo, enquanto na tradução as encontramos em pé de página. Dessa maneira, no texto de partida a sequência numérica é interrompida ao finalizar cada capítulo, e retomada a cada capítulo a partir do número 1, enquanto na tradução, a contagem começa no *Exordium* e segue, ininterruptamente, até o *Exitus*, compondo a última nota o número 378.

Como podemos ver, através da construção do texto em português e sua inserção no mercado brasileiro, o trabalho demandou uma leitura cuidadosa, uma escrita habilidosa por parte da tradutora, ponderando escolhas de modo a seguir um estilo próprio e, ao mesmo tempo, refletindo o diálogo bastante próximo com o texto de partida. Podemos descrever o uso, na tradução, de expressões como *hors concours* (p. 77) e *bricolagem*, que remetem ao francês, sendo que *hors concours* aparece em itálico, pois seria considerada uma expressão universalizada. Já “bricolagem” (p. 120), no contexto poderia compor um “mosaico”, mas, valha o exemplo de acolhida do estrangeiro ao qual nos remetemos anteriormente. Da mesma forma, o uso do adjetivo “magnífico”, que parece ser mais utilizado em francês do que em português, como na página 48: “representa de forma magnífica a dominação linguística”. O caráter “ancilar”, citado na página 52 e o uso de termos como “irênica” (p. 17), chamou a nossa atenção por refletir um registro erudito do estilo do autor. Quanto ao uso de termos tais como “catarévussa” e “demótica”, que figuram sem definição no texto ou em paratextos, corroboram para que a tradução se dirija a um tipo de leitor(a), no contexto brasileiro, que se encontra familiarizado(a) com termos mais específicos da área. *Catarévussa* é uma forma do

idioma grego criada no início do século XIX por Adamántios Koraís, que rejeitava a influência bizantina na língua grega e era um crítico ácido da ignorância do clero e sua submissão ao Império Otomano. Diz-se de variedade formal, escrita, do grego moderno. A escrita *demótica*, ou *sekh shat* para os egípcios, surgiu no início da 26a. dinastia do Egito (650 a.C. até séc. V). Diz-se da escrita ou dos caracteres correntes ou vulgares entre os antigos egípcios. Já, para a Linguística, designa a língua grega moderna, falada na atualidade.

Ainda chama a atenção o fato de que o termo “usura” foi traduzido por “desgaste” (p. 75), por se referir ao tempo. Já em um comentário, cujo contexto é de conquista militar e não econômica, há a tradução de “usurier” por “credor”: “Se o meu país fosse um credor, me agradeceria” (p. 80). Na página 92, lemos que “Tinha o peso dos números e do prestígio social”, tradução de: “*ce public de lecteurs avait le poids du nombre et le prestige social*”; neste caso trata-se do peso pelo fato de remeter a um volume considerável de leitores, ou seja, ser numeroso. Interessante que isto aparece quando o texto trata do tema sobre a época na qual a tradução livre foi inventada.

Outra observação a ser feita refere-se à *Le coup de patte* (p. 104), que pode ser entendida como um chute, porém, apresenta ambiguidade com o verbo *chutar*, no sentido de = *adivinhar*. “Chute” se aproxima de uma gíria, o que seria inadequado para o registro que demanda o texto, por isso a escolha pelo termo “patada” na tradução. Por último, quando o texto, na página 123, fala de espelho, nos motiva a parafrasear a oração de Sapir, colocada no início, considerando, no lugar da língua, a tradução como um guia para conhecermos *l'air du temps*. Dessa forma, como em um jogo de espelhos, que colocamos frente a frente, vemos, em uma infinidade de imagens, a história, a política, a cultura, numa dinâmica dada pela tradução dentro de redobradas possibilidades de dominação. Pois, como dito, “não existe tradução sem língua dominante e nenhuma língua dominante que não seja designada como língua de tradução por excelência” (p. 134). Assim, a língua que era “guia para a realidade social” depende da posição que ocupa no universo literário e linguístico para chegar a uma posição de reconhecimento. Contudo, isto serve de metáfora para compreendermos por onde passam as transformações daquilo que concebemos como sendo as línguas e as traduções. Afinal, é por meio da reflexão de obras e de traduções como essas que acabamos de estudar que nos tornamos conscientes do potencial da realidade que vivemos e em qual está inserida a linguagem que usamos.

Para concluir, podemos nos questionar, a partir da página 99, se o próprio pensamento do “progresso” não poderia ser fruto de uma reação ao pensamento

pessimista em relação a um passado considerado superior quando comparado à atualidade e observamos que tal “progresso” teve desdobramentos tais como a passagem da língua mundial francesa para a inglesa como língua mundial. E, ao acrescentarmos a um possível mundo multipolar o sonho de que mais de uma língua ocupe o centro de poder, percebemos que a leitura tanto da obra quanto da tradução nos levou a ampliar as possibilidades do debate sobre visões de mundo e suas dinâmicas. Isso ocorre porque a obra de Casanova e a tradução de Torres instigam a extrairmos o potencial das línguas e a valorizar o papel dos tradutores e a importância da tradução.

Certamente, essa obra nos abre a um futuro mais próximo, pleno de energia para as transformações do poder que ensejamos; *A língua mundial – tradução e dominação* é uma obra fundamental para compreender não só a lógica por trás do domínio linguístico, como também a relação de tal dominação com a tradução. Ademais, são apresentados os aspectos historiográficos relativos à ascensão e à queda de uma língua dominante, seus devidos fatores condicionantes, e determinadas crenças são desmistificadas por meio da apresentação de fatos históricos. Acrescenta-se também um diálogo com os dias atuais, como por exemplo quando cita a questionamentos sobre a invisibilidade do tradutor no mercado literário norte-americano, presentes ainda no século XXI. A questão da tradução mais uma vez se mostra fundamental no universo linguístico, e, compreendendo seu funcionamento é possível compreender a dinâmica de diversas relações, incluindo as de poder, conforme demonstra a obra por nós resenhada. Sem dúvidas, uma leitura indispensável a quem estuda a língua, a tradução e suas dinâmicas.

REFERÊNCIAS

- BASSNETT, Susan. *Estudos de Tradução. Fundamentos de uma disciplina*. Trad. de Viviana de Campos Figueiredo. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro*. Trad. de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.
- CASANOVA, Pascale. *La langue mondiale. Traduction et domination*. Paris: Collection "Liber", Éditions du Seuil, 2015.
- CASANOVA, Pascale. *A língua mundial. Tradução e dominação*. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres. Florianópolis: Editora da UFSC; Brasília: Editora da UnB, 2021.
- LAMBERT, José. *Literatura e tradução. Textos selecionados de José Lambert*. [orgs. Andréia Guerini, Marie-Hélène Catherine Torres e Walter Carlos Costa]. Rio de Janeiro/Florianópolis: 7Letras, PGET, 2011.